

*Vita brevis* sobre imagens e paisagens da  
Amazônia: a passagem do geográfico-político  
para o espaço imagético.<sup>1</sup>

Luís Heleno Montoril del Castillo\*

**RESUMO:** O presente texto trata de imagem e paisagem da Amazônia como uma das entidades geográficas imaginadas. Recorta um campo específico entre Amazônia imaginada e documentada através dos textos *A jangada*, de Júlio Verne e “Judas-Ahsverus”, de Euclides da Cunha a fim de descrever a passagem do geográfico-político para o espaço imagético.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Imagem. Paisagem. Literatura. Amazônia.

**ABSTRACT:** This text is about image and the Amazon landscape as one of the imagined geographical entities. It cuts a specific field between imagined and documented through texts *Eight Hundred Leagues on the Amazon*, of Jules Verne and "Judas-Ahsverus", of Euclides da Cunha to describe the passage of geographic and political space for the imagery.

**KEYWORDS:** Image. Landscape. Literature. Amazon.

Edward Said, ao falar sobre "Orientalismo", com referências a Michel Foucault e à filosofia de Vico, escreveu que discursos, textos, ficções e relatos são formas pelas quais a cultura europeia é capaz de produzir o Outro; e de como os homens produzem sua história a partir de suas realizações como entidades geográficas e culturais Edward Said (2007) escreveu que Oriente e Ocidente são criados pelo homem como exemplos dessas entidades. Da premissa de Said, é possível depreender uma questão relativa a uma das regiões relevantes do planeta, a Amazônia. A questão depreendida é a de que essa região seria uma das entidades geográficas e culturais criada.

Obras como *A selva*, de Ferreira de Castro; *A jangada*, de Júlio Verne; e *O mundo perdido*, de A. Conan Doyle; além de crônicas e relatos de viajantes dos “descobrimientos” e naturalistas, servem de abertura para um mundo imaginário construído desde um olhar estrangeiro<sup>2</sup> sobre a Amazônia. Tais exemplos fazem parte de um conjunto de textos produzidos sobre essa região a formar um certo conhecimento sobre ela através de imagens e paisagens textuais e discursivas.

---

<sup>1</sup> Este texto é parte de produto de pesquisa pós-doutoral CAPES BEX9596/11-9 realizado entre maio e dezembro de 2012.

\* Professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará; pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários da Universidade Federal do Pará.

Em ficções mais recentes, pode-se constatar a permanência desse imaginário em obras como *Histoire de la Amazonie*, de Jean Soublin (2000); *Santarém*, de J. Guicharnaud et R. Osterweis (1959); *Naori*, Renaud Berton (2003); *Pas de pub, merci!*, de Marido Viale (2012); *Le trait d'union du monde*, de Jérôme Camut (2011). Nessas obras vê-se uma estratificação de uma literatura relativa à Amazônia, em que o exotismo proveniente das comunidades indígenas e/ou tradicionais da floresta - com viés preservacionista em algumas - está em conformidade com parte do imaginário europeu sobre a selva.

Ou ainda a referência a obras como *Contes de l'Amazonie* (2013), *Mythes et légendes de l'Amazonie* (2013) e *Conte de l'Amazonie: La Sagesse du Paresseux, cahier de lecture* (2014), de Patrick Agot; em que os animais assumem a cena em uma fábula da selva amazônica ou tem-se uma recriação poética contemporânea sobre elementos da natureza como a chuva, o rio e a floresta cujo objetivo é revelar um ensinamento universal da Mãe Natureza.

Em *De la Beauce à l'Amazonie - Chemin de vie* (2009), Roger Chauveau apresenta um relato pessoal sobre a descoberta de uma Amazônia circunscrita ao que ele observa sobre a vida dos índios Oyampi. Ou em *Vie d'une indienne de l'Amazonie* (1997), de Oswald Ballarin que segue o itinerário, já aberto, de uma Amazônia indígena. Esse também é o tema de *Mythes de l'Amazonie - Une traversée de l'imaginaire shipibo*, de Pierrette Bertrand-Ricoveri (2005).

Em um traçado mais histórico-metaficcional, *Amazonie mangeuse d'hommes* (2012), Ricardo Uztarroz propaga um ambiente maravilhoso, de mistério e aventura contido desde a descoberta da Amazônia cuja maldição atinge aqueles que por ela se aventuram. Como é o caso de Francisco de Orellana, Charles Quint, Lope de Aguirre e Walter Raleigh, num passado mais remoto. E Percy Fawcett e Raymond Maufrais em época mais aproximada. Esse é o caso semelhante de *Le Temps d'un Voyage* (2009), em que Xavier Pivano escreve uma ficção policial em torno dos mistérios que rondam a morte de uma equipe de pesquisadores no coração da floresta amazônica após a descoberta dos poderes da planta alucinógena Ayahuasca.

<sup>2</sup> "Estrangeiro", ou ainda, "olhar estrangeiro" à Amazônia não está restrito ou limitado ao europeu, mas a brasileiros e mesmo habitantes da Amazônia, que, ainda que nascidos nela, repetem uma imagem e paisagem típicas, cristalizadas. O que leva a pensar que "quem vê melhor pode estar do lado de fora".

Tais registros citados servem para indicar um caminho possível a compor o mapa da literatura universal na Amazônia, aquele em que o imaginário sobre a região é confeccionado desde um olhar estrangeiro sobre ela. Tal caminho tem sido feito e trilhado há algum tempo: na Amazônia, empresa comercial e curiosidade da natureza produziram o imaginário sobre a região; promessa de tesouros e produtos fabulosos que desde o início dos descobrimentos da Amazônia, dominaram a fantasia dos aventureiros da América. Desde Juan Ponce de León e sua fonte da juventude; incluindo o espanhol Francisco Vasquez de Coronado e as sete cidades de Cibola; e ainda os primeiros conquistadores da América Latina que se lançaram à procura da terra da canela, do Eldorado e do reino misterioso das Amazonas.

A partir do século XVIII, as viagens dos naturalistas são o sinal de uma nova ordem planetária que substituiria a dominante de exploração do Novo Mundo como as conquistas, as missões, e as aventuras. Há o interesse científico imposto pelo projeto iluminista através de um método eminentemente descritivo do objeto visualizado, em que a fixação do quadro permitiria o congelamento da imagem e o estabelecimento dos seus limites. Uma fixação e um enquadramento que teve em território amazônico um de seus maiores desafios, seja pelos aspectos naturais, seja pelos seus aspectos culturais resultantes do cruzamento de “raças”.

Seja pelo primeiro caminho dos descobrimentos, seja pelo segundo caminho naturalista, ou pelo da literatura de ficção referida anteriormente pelos registros das obras citadas, a paisagem amazônica projetada é a de um espaço e não a de um lugar. Como entender isso? David Harvey (1993), em *A Condição pós-moderna*, define lugar e espaço como elementos distintos. Lugar é o que é conhecido, delimitado. O lugar estabelece fronteiras que o levam ao isolamento. Essa é a relativa segurança proporcionada pela manutenção do que é familiar aos que habitam o lugar. Quanto ao espaço, este seria exterior, estranho ao lugar conhecido. Mistério, mito e imaginação estão contidos nele.

À medida que o lugar se expande, o espaço se comprime. A compressão do espaço tem sua origem na Renascença. As viagens do descobrimento expandiram o

expandiram o lugar, no sentido mesmo de expandir a legalização político-social do lugar original em direção a outros territórios antes desconhecidos. No processo expansionista, os descobridores da finitude do globo e da importância do saber geográfico, descobriram também que a dominação do espaço era o pressuposto básico para o acúmulo de riquezas.

Na transição do feudalismo à Renascença, lugar e espaço passam a se movimentar. Enquanto no feudalismo lugar e espaço estavam separados pelo que era familiar e estranho, na Renascença, o espaço passa a existir como território abrangente em que diversos lugares estão em relação. Isso não quer dizer que o espaço se tornou mais próximo, ele continua distante daquele que o observa. Talvez seja possível dizer que o lugar é o território do vivido e o espaço sobrevive da representação e imagem projetadas. O espaço é visto em perspectiva, não é vivido.

Geometrização e sistematização do espaço definem o espírito renascentista de organização com o fim de harmonizar o mundo conforme o universo organizado de Deus. O perspectivismo originado daí parece anteceder e prenunciar o advento iluminista de controle e organização do espaço sob o predomínio do visual. Tem-se de um lado a ciência da óptica e de outro a mitologia e a religião. Há nessa visualização do mundo o “olho que vê do indivíduo”. Individualismo e perspectivismo serão as bases do vindouro cartesianismo racionalista do projeto iluminista.

O domínio da natureza através da organização racional do espaço e do tempo faz o homem ter autoconsciência de seu poder demiúrgico. Nesse sentido, distancia-se do pensamento mágico e mítico potencializando sua vontade de saber. O indivíduo que emerge do espírito renascentista vai culminar no princípio iluminista de dominação do futuro “por meio de poderes de previsão científica, da engenharia social e do planejamento racional e da institucionalização de sistemas racionais de regulação e controle social” (p. 227).

Na Amazônia, pretendeu-se tornar o ambiente natural em um lugar familiar. Tornar o misterioso mundo em algo próximo do mensurável e conhecido mundo de origem europeia. Conhecer o objeto através de um olhar direto sobre ele, sem as mediações da linguagem figurada produzida pelo olhar oblíquo da imaginação ou da

intuição. Sob esse ponto de vista, a área da grande floresta amazônica se apresentou – e ainda se apresenta – como o grande desafio de dominação da civilização da técnica sobre a natureza.

Mas, em outro plano, essa mesma natureza tem sido o espaço aberto para a construção do mito e do imaginário sobre a região. Essa Amazônia exótica, como espaço imaginado, é um desdobramento dos processos de construção ficcional que faz levantar hipóteses sobre as representações literárias sobre a Amazônia: 1. a hipótese de que a Amazônia é enunciada desde um lugar mitopoético e imaginado; 2. a de que os processos modernizantes e globalizantes na Amazônia tem modificado seu tempo e espaço mas ainda não foram capazes de substituir as imagens e paisagens estratificadas sobre a região; 3. finalmente, a de que o imaginário produz a realidade amazônica: sua paisagem, fisionomia e imagem.

Tais considerações revelam bem uma das dimensões do trabalho comparatista enfocado por Daniel-Henri Pageaux, em “Littérature Comparée et Comparaisons” (1998); a do estudo imagológico; em que as imagens do estrangeiro delimitam o outro da relação e também o estudo da dimensão estrangeira do texto, da obra e da literatura sob a lógica do imaginário.

Desse comparatismo resulta o papel difícil de descrever a passagem do geográfico-político para o espaço imagético. Essa perspectiva em que os relatos ficcionais carregam de novos sentidos as paisagens, senão mesmo as reconstituem; também projeta um foco mais amplo sobre os processos civilizatórios do tempo-espaço americano e sobre o processo econômico desenvolvimentista.

A construção do espaço amazônico está expressa nas imagens e paisagens que olhares diversos formaram ao longo do tempo; os mesmos podem situar melhor a relação do lugar amazônico em relação ao espaço internacional. O geógrafo Milton Santos definiu bem a epistemologia da paisagem ao chamar atenção para as formas resultantes de contextos históricos diversos: “A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (SANTOS. 1996, p. 104).

A paisagem amazônica constante das referências apontadas anteriormente, certamente foi construída pelos processos históricos refinados pelo imaginário e ideologia estrangeira sobre a região, a "coexistir no momento atual". A esse respeito, vale a pena trazer ao primeiro plano desse artigo um micro-recorte sobre dois textos em que ficção, paisagem e realidade histórica imaginada confluem.

Luiz Costa Lima, em seu livro *O controle do imaginário*, cita Jeremy Bentham para falar da "raiz do fictício", de sua razão de ser e de sua origem, qual seja, a linguagem. A citação é a seguinte: "apenas à linguagem é que as entidades fictícias devem a sua impossível mas indispensável existência" (LIMA. 1989, p.48). Ao largo do pensamento utilitarista e racionalista, tal referência permite dizer que os estudos literários e históricos se inscrevem no campo das ciências humanas em que o modo de organização dos signos de representação do seu objeto resulta na forma diferenciada de sua expressão.

O livro de Bentham é datado de 1814, sua citação por Costa Lima teve a intenção de compor a reflexão sobre a verdade contida num racionalismo previdente de uma realidade que se opunha a sua construção, da realidade, pela imaginação, pelo ficcional. Tal oposição ressoa em um artigo de Lloyd S. Kramer, intitulado "Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra", constante do livro intitulado *A nova história cultural*, organizado por Lynn Hunt, em 1992. Nesse artigo, Kramer assinala que a crítica literária: "tem ensinado os historiadores a reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica" (p.131, 132).

É verdade que de 1814 a 1992, variadas concepções da história e da literatura alternaram-se demarcando limites artificiais entre a escrita da história como expressão da verdade e o literário como representação do falso. Mas o que importa recortar para o escopo definido aqui é que o texto literário de ficção como escrita da história e o texto histórico como escrita de um certo tipo de ficção têm feito parte das preocupações metodológicas tanto de uma disciplina quanto de outra. O que significa dizer que esses campos disciplinares tendem a se cruzar quanto mais se aproximam de um estudo sobre a linguagem e o estado do signo.

Na literatura da Amazônia, dois textos vão permitir trazer essa questão da ficção e realidade histórica imaginada e a articulação com a primeira parte, tratados no espaço desse artigo. São eles, *A jangada*, de Júlio Verne (ed. 2003) e o ensaio “Judas-Ahsverus”, de Euclides da Cunha, este último publicado em *À margem da história* (1975).

No romance de Júlio Verne, publicado em 1811, tem-se uma ficção sobre a viagem de uma família pelo rio Amazonas numa jangada. Na verdade uma grande “casa-cidade flutuante”, construída com o objetivo de levar a família e os criados de um proprietário de terras na Amazônia peruana de Iquitos à Belém do Pará para a realização do casamento da filha desse mesmo proprietário com o estudante Manoel, amigo do irmão da noiva. Por trás dessa primeira intenção, há uma outra, a vontade de restabelecer a verdade dos fatos sobre um crime que acontecera 26 anos antes da época em que se passa a história, 1852. Joam Garral, o proprietário, fora condenado à morte por roubo de diamantes.

Não era uma simples jangada, era a repetição exata dos vários espaços da propriedade de Garral. Depois da derrubada de cerca de oitocentos metros quadrados de floresta, os índios constroem a “casa-cidade flutuante” de Garral com as instalações exatas e completas: a casa do patrão, no fundo da jangada, com cinco quartos e espaçosa sala de jantar, tinha janelas e porta de entrada com direito a varanda e um frondoso jardim. Parte disso revelado pela fala da filha do proprietário, Minha, a não deixar dúvidas: “queremos que dê a impressão de que a casa da fazenda está viajando conosco” (p.93).

Para além da trama do romance, a ficção de Júlio Verne se converte em alegoria do progresso da história e da ciência sobre as partes ensombradas da terra, alegoria do processo civilizatório sobre a Amazônia, processo esse universal, e europeu, de grande parte do século XIX. E ainda uma obra de ficção, verossímil, sobre a terra e o homem na Amazônia desde o imaginário estrangeiro sobre essa região revelado pelas palavras de seu narrador.

É a lei do progresso. Os índios desaparecerão. Diante da raça anglo-saxã, australianos e tasmanianos desapareceram. Diante dos conquistadores do Extremo Oeste extinguiram-se os índios da América do Norte. Algum dia, provavelmente, os árabes serão dizimados diante da colonização francesa. (p.60)

Não tinha nada a temer dos índios da América Central; longe ia o tempo em que era preciso precaver-se contra essas agressões. Os índios que habitavam as margens pertenciam a tribos pacíficas, e os mais ferozes já se haviam retirado com a chegada da civilização, que foi se espalhando ao longo do rio e de seus afluentes. (p.101)

Esse tipo de ficção impõe o veto ao ficcional de que fala Luiz Costa Lima (1989), em que o romance se presta a emoldurar a realidade traçando e pintando, com as cores da razão científica e a repetição do mesmo, todo o mundo. O que implica em dizer que nem toda obra de ficção diz ao modo ficcional, no sentido de dizer que o discurso ficcional não se presta à prova de verdade, ainda que a pronuncie, e mais, libera o signo para o jogo irônico da história.

O outro texto, mencionado anteriormente, é o ensaio “Judas-Ahsverus”, de Euclides da Cunha, presente em *À margem da história*. Nele, Euclides da Cunha “informa” sobre a Amazônia. Com uma narrativa bíblica, que faz o leitor lembrar de *Os sertões*, “a Amazônia é construída na linguagem”, como bem disse Willi Bolle, em seu artigo “O Mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha” (2005).

Aqui está o ponto: o ensaio de Euclides da Cunha não é uma obra de ficção, mas diz ao modo ficcional, e ainda projeta, sob a sublimidade da cena descrita, uma imagem e paisagem do tempo e espaço amazônicos transfigurados em linguagem.



No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida, santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes. (p.75)

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacentemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes. (p.75)

Ao se ler com vagar o trecho citado, é possível recorrer ao que diz Luiz Costa Lima sobre “a inevitabilidade documental de tudo que o olhar humano atinge pela sua relação com o signo” (p.193). Mas para além do signo documental há uma organização das palavras que pretende mais do que informar, e sim trazer o ficcional, aquele elemento que transforma o olhar enrijecido do que se repete e recorre à mobilidade presente num outro discurso.

O ensaio de Euclides da Cunha parece ser um caso de materialidade discursiva literária proveniente de uma realidade histórica da Amazônia que se apresenta semelhante ao que Hayden White diz: “A narrativa histórica não imagina as coisas que indica: ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal como faz a metáfora”. (1994, p. 108) O ensaio em questão é exemplo de figuração de alcance universal, extraído de um fato de cultura de uma certa realidade da Amazônia, em lugar e tempo definidos, que está ligado à história de ocupação e exploração da natureza e do homem.

Nesse ponto é preciso atentar que o sábado de Aleluia nos seringais da Amazônia está investido de uma repetição da história da civilização com as marcas da diferença deixadas às suas margens. Pelo texto de Euclides da Cunha, na Amazônia, é no intervalo temporal do processo civilizatório que é possível escrever o outro lado de sua história. É desse tempo vazio que salta da história a poderosa imagem a seguir, a valer a longa citação:

O Judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosido, cheios de palhiças e mulambos: braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se, espantadamente, empalado no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é sua obra-prima, a criação espantosa de seu gênio rude longamente trabalhado de reveses, onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa. E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte, acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhes as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas..Recua meia dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a. Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que maravilha.Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um rictus expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...Novo recuo, compassado, lento, remirando-o, para apanhar de um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a síntese de todas aquelas linhas; e renovar a faina com uma pertinácia e uma tortura de artista incontestável. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuíssimo esbatido de sombra, um traço quase imperceptível na boca refogada, uma torção insignificante no pescoço engravatado de trapos...E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante... Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais como vedor do que o parla! Ansiosíssimo de Miguel Ângelo; arranca seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu próprio pai. (...) Embaixo, adrede construída, desde a véspera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Conduz-lo, prestes, para lá, arrastando-o em descida, pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros. (p.75)

A jangada de Júlio Verne, repetição de um modelo, *imitatio* da tríade Estado-família-propriedade, signo de uma história da civilização européia de foco único sobre a Amazônia, é cortada pela jangada fantasmática e fantástica de um realismo das margens dessa história, do ensaio de Euclides da Cunha. É esse corte transversal sobre a alegoria dessa história civilizacional que o discurso ficcional de Euclides da Cunha, pela linguagem, empreende.

E não se trata de sentimento, emoção, razão, ou subjetivismo, porque esses também podem servir à via documental ou construir uma realidade que passa a servir de modelo a ser imitado. Euclides da Cunha teve a percepção disso.

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do Dédalo do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é certo, sem par, capaz daquele “terror” a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a Hiléia prodigiosa, com um espanto quase religioso – sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. (1975, p. 25)

Amazonas ideal e real entram como forma de esclarecer que ideal não está colado ao ficcional, como o real não está colado ao documental. Trata de ratificar o que já foi dito. Está claro que a jangada de Verne participa dessa crescente auto-imagem europeia que constrói, pelo rumo da ficção, esse espelho ilusório capaz de projetar unicamente seu desejo de si mesmo. O ensaio de Euclides da Cunha permite extrair da realidade localizada no interior da Amazônia, um outro olhar e escuta da história. Ao confeccionar o Judas, o seringueiro significa para si, pela tradução de Euclides, e significa para o outro o que está contido na repetição da história, com as marcas da diferença.

## Referências

- AGOT, Patrick. Contes de l'Amazonie. Amazonie Production Edition Guyane. 2013.
- AGOT, Patrick. Mythes et légendes de l'Amazonie. Amazonie Production Edition Guyane. 2013.
- AGOT, Patrick. Mythes et légendes de l'Amazonie. Amazonie Production Edition Guyane. 2013.
- AGOT, Patrick. Conte de l'Amazonie. Le hurleur roux et le puma. Amazonie Production Edition Guyane. 2014.
- AGOT, Patrick. Conte de l'Amazonie : La Sagesse du Paresseux, cahier de lecture. Amazonie Production Edition Guyane. 2014.
- BALLARIN, Oswaldo. Vie d'une indienne de l'Amazonie. Paris: L'Harmattan, 1997.
- BALMAR, A. de. Voyage aux provinces brésiliennes du Pará et des Amazones en 1860. Londres: Trezize, 1861.
- BERTON, Renaud. Naori. Paris: Éditions Le Manuscrit, 2003.
- CAMUT, Jérôme. Le trait d'union du monde. Bragelonne, 2011.
- CASTRO, Ferreira de. A selva. Lisboa: Guimarães e C<sup>a</sup> Editores, 1984.
- CHAUVEAU, Roger. De la Beauce à l'Amazonie - Chemin de vie. Paris: L'Harmattan, 2009.
- COUDREAU, Henri. Voyage au Tocantins-Araguaya, 31 décembre 1896-23 mai 1897. Paris: A. Lahure, 1897.
- CUNHA, Euclides da. À margem da história. São Paulo: Cultrix, 1975.
- DOYLE, A. Conan. O mundo perdido. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.
- GUICHARNAUD, J et OSTERWEIS, R. Santarém. Paris: Plon, 1959.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- KRAMER, Lloyd S. "Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra". In: HUNT, Lynn. (org.) A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 131-132.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. "Littérature Comparée et Comparaisons. In: REVUE DE LITTÉRATURE COMPARÉE. Haute-Bretagne (Rennes II), 1998.
- PIVANO, Xavier. Le Temps d'un Voyage. Paris: Éditions Ligne Continue, 2009.

LIMA, Luiz Costa Lima, *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LIMA, Luiz Costa Lima. *Sociedade e discurso ficcional*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 193.

RICOVERI, Pierrette Bertrand. *Mythes de l'Amazonie - une traversée de l'imaginaire shipibo*. Paris: L'Harmattan, 2005.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição em inglês de 1978.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUBLIN, Jean. *Histoire de la Amazonie*. Paris: Payot, 2000.

UZTARROZ, Ricardo. *Amazonie mangeuse d'hommes*. Paris: Arthaud, 20012.

VIALE, Mario. *Pas de pub, merci!*. Paris: Choutteditions, 2012.

VERNE, Júlio. *A jangada*. São Paulo: Planeta, 2003.